

SOCIOLOGIA

Sociologia: Revista da Faculdade de

Letras da Universidade do Porto

ISSN: 0872-3419

revistasociologia@letras.up.pt

Universidade do Porto

Portugal

D'Assunção Barros, José

Rupturas entre o Presente e o Passado: leituras sobre as concepções de tempo de
Koselleck e Hannah Arendt

Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. XXI, 2011, pp.

195-213

Universidade do Porto

Porto, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539982011>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Rupturas entre o Presente e o Passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt

José D'Assunção Barros¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo desenvolver uma análise das recentes reflexões acerca das sensações contemporâneas de ruptura entre Presente e Passado, examinando, em particular, o pensamento de dois autores – Reinhart Koselleck e Hannah Arendt – sobre as relações entre Presente, Passado e Futuro. O ponto de partida da análise refere-se ao ensaio *Futuro Passado*, escrito por Koselleck – um ensaio no qual este historiador desenvolve suas principais considerações sobre as três instâncias da temporalidade, utilizando os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Em seguida, é estabelecida uma comparação entre a posição de Koselleck e o pensamento de Hannah Arendt em torno destas questões, desenvolvido por esta filósofa com base em um insight de Franz Kafka.

Palavras-chave: Presente, Passado, Koselleck, Hannah Arendt.

A enigmática relação entre as três instâncias da temporalidade – “Passado”, “Presente” e “Futuro” – tem sido desde há muito tempo objeto de reflexão de filósofos, historiadores e cientistas sociais. Já na Antiguidade Greco-Romana, Santo Agostinho e Aristóteles dedicaram ao “tempo” reflexões importantes que até os anos mais recentes têm servido como patamares para diálogos entre filósofos contemporâneos, tais como Heidegger (1927) e Paul Ricoeur (1983-85). O enigma do Tempo e de sua adequação à história humana, uma questão que não poderá ser aprofundada aqui em todas as suas implicações, tem de fato atravessado os séculos, acompanhando a história da filosofia e a história da historiografia. Todavia, talvez poucos autores como Reinhart

¹ Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil), nos Cursos de Mestrado e Graduação em História. Professor-Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF, Brasil). Entre suas publicações mais recentes, destacam-se os livros *O Campo da História* (Petrópolis: Vozes, 2004), *O Projeto de Pesquisa em História* (Petrópolis: Vozes, 2005), *Cidade e História* (Petrópolis: Vozes, 2007), *A Construção Social da Cor* (Petrópolis: Vozes, 2009) e *Teoria da História* (Petrópolis: Vozes, 2011).

Koselleck (1923-2006) tenham fornecido um instrumental teórico tão apropriado para compreender esta questão na Historiografia, do ponto de vista de uma correlação entre as três instâncias da temporalidade (passado, presente, futuro). Nossa objetivo neste artigo será o de examinar as considerações sobre as três temporalidades não apenas de Koselleck (1979), mas também reflexões anteriores de Hannah Arendt (1954) sobre o mesmo tema, examinando neste caso as ponderações desta autora sobre um notável *insight* de Franz Kafka sobre a questão (1945, post.). A questão sobre a qual recairá nossa análise mais específica será a da “quebra entre o passado e o presente”, um fenômeno de sensibilidade do homem moderno perante o Tempo que foi apontado tanto por Koselleck como por Hannah Arendt, entre outros autores, mas cada qual situando esta “quebra” em um momento diferenciado da contemporaneidade.

Começaremos por lembrar que Reinhart Koselleck, em sua célebre obra *Futuro Passado* (1979), desenvolveu uma singular perspectiva de que cada Presente não apenas reconstrói o Passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade – tal como já propunham os Annales e outras correntes historiográficas do século XX – mas também de que cada Presente *ressignifica* tanto o Passado (referido na conceituação de Koselleck como “campo da experiência”) como o Futuro (referido conceitualmente como “horizonte de expectativas”). Mais ainda, para Koselleck, em cada Presente expressa-se também a possibilidade de se conceber de uma nova maneira (ou mais) a *relação* entre Futuro e Passado, ou seja, a assimetria entre estas duas instâncias da temporalidade. Não foi por acaso que o título de sua mais conhecida coletânea de ensaios sobre estes aspectos tenha sido *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos* (1979).

Certamente que, antes e depois de Koselleck, autores vários abordaram com especial interesse, e produzindo contribuições extremamente significativas, as relações entre as instâncias temporais, discorrendo sobre o fato de que estas e o tempo propriamente dito devem ser sempre compreendidos como construções sócio-culturais, historicamente consideradas. O economista francês Jacques Attali², apenas três anos depois da publicação de *Futuro Passado*, de Koselleck, publicou uma interessante *História do Tempo* (1982). Norbert Elias, cuja sociologia histórica foi tão importante para os historiadores, a começar pela sua primeira obra – *O Processo Civilizador* (1939) – também publicaria pouco depois dos livros de Koselleck e Attali seu estudo *Sobre o Tempo* (1984), desenvolvendo importantes considerações e pesquisas sobre a correlação entre tempo e sociedade. No âmbito mais específico da historiografia, e neste caso já doze anos antes do livro Koselleck, podemos citar o importante artigo no qual E. P. Thompson para a revista *Past and Present* (1967), no qual o historiador inglês

² Jacques Attali, economista por formação, escreveu obras que se referem a variados campos de saber, para além de suas contribuições à Economia. Da Ciência Política à Biografia de personagens como Marx, Pascal, Ghandi e Warburg, passando pela historiografia e pela filosofia, Attali também escreveu sete romances e duas peças de teatro. Com relação ao ensaio sobre a *História do Tempo* (1982), Attali desenvolve uma rica reflexão sobre o que é pensar o tempo, considerando, sobretudo, como este é ressignificado e apropriado pelas práticas sociais. Reconhecemos a importância deste ensaio, de todo modo posterior ao de Koselleck, embora não o tenhamos trazido para a discussão proposta por este artigo.

já discorria sobre a necessidade incontornável de pensar o tempo e suas codificações sempre no quadro das relações sociais que os produzem e deles se apropriam³.

Isto posto, e reconhecendo a importância, para a temática, de inúmeros outros autores na história e nas ciências sociais, vamos nos concentrar neste artigo no sistema conceitual proposto por Koselleck, e em sua perspectiva sobre as relações entre Passado, Presente e Futuro, particularmente referenciando as pesquisas do historiador alemão sobre a modernidade. No que se refere a estes aspectos, constitui a contribuição mais notável de Koselleck, para a Teoria da História, a apurada percepção desta tensão que sempre se estabelece entre o ‘espaço de experiência’ e o ‘horizonte de expectativas’ – uma tensão que é própria da elaboração do conhecimento historiográfico e mesmo das múltiplas leituras sobre o fenômeno da temporalidade que vão surgindo em cada época, inclusive ao nível das pessoas comuns que vivenciam os padrões disponíveis de sensibilidade diante do tempo que lhes são oferecidos no momento em que vivem. Vamos rediscutir esta base conceitual, pois apenas a partir dela poderemos recolocar nas devidas proporções as reflexões de Koselleck acerca da “ruptura entre presente e Passado” nos tempos contemporâneos.

A “experiência” e a “expectativa” são apresentadas por Koselleck como duas categorias históricas (duas categorias para uso da Teoria da História, melhor dizendo) que “entrelaçam passado e futuro” (Koselleck, 2006: 308). É oportuno salientar que tem sido considerada uma das mais importantes contribuições historiográficas recentes este esclarecimento koselleckiano, através das categorias da *experiência* e da *expectativa*, de que cada uma das temporalidades – o Passado, o Presente e o Futuro – pode imaginariamente se alterar, contrair ou se expandir conforme cada época ou sociedade, modificando-se também a maneira como são pensadas e sentidas as relações entre eles⁴.

Vamos entender, antes de mais nada, o próprio sistema conceitual proposto por Koselleck para lidar com as três temporalidades (Passado, Presente, Futuro). Porque um “espaço de experiência”; e porque um “horizonte de expectativas”? A *experiência* pertence ao Passado que se concretiza no Presente, de múltiplas maneiras: através da memória, dos vestígios, das permanências e, para os historiadores, das fontes históricas. Talvez não haja definição mais precisa do que aquela que é trazida pelo próprio Koselleck:

“A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada

³ Entre outras referências importantes, podemos ainda lembrar *L'Ordre du Temps*, de Krysztof Pomian (1984), publicado na mesma época do ensaio de Norbert Elias sobre o tempo, e a tríade de ensaios publicada sob o título de *Tempo e Narrativa* por Paul Ricoeur (1982-1985), que por sinal também desenvolve críticas importantes sobre Koselleck.

⁴ “O tempo histórico não apenas é uma palavra sem conteúdo, mas uma grandeza que se modifica com a história, e cuja modificação pode ser deduzida da coordenação variável entre experiência e expectativa” (Koselleck, 2006: 309).

uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias” (Koselleck, 2006: 309-310).

Já as *expectativas* – que visam o Futuro – correspondem a todo um universo de sensações e antecipações que se referem ao que ainda virá. Nossos medos e esperanças, nossas ansiedades e desejos, nossas apatias e certezas, nossas inquietude e confianças – tudo o que aponta para o futuro, todas as nossas expectativas, fazem parte deste “horizonte de expectativas”. As expectativas, além disto, não apenas são constituídas pelas formas de sensibilidade com relação ao futuro que se aproxima, mas também pela curiosidade a seu respeito e pela análise racional que o visa. A expectativa, enfim, é tudo aquilo que hoje (ou em um determinado Presente) visa o Futuro, crivando-o das sensações as mais diversas. É por isto que Koselleck lembra que, tal como a *experiência* (esta herança do passado) realiza-se no Presente, “também a *expectativa* se realiza no hoje”, constituindo-se, portanto, em um *futuro presente*.

Embora a *experiência* associe-se comumente ao Passado Presente, e a *expectativa* ao Futuro Presente, é importante atentar para a já mencionada afirmação de Koselleck de que estas duas categorias “entrelaçam o Futuro e o Passado”. Elas não se opõem uma à outra, como em uma dicotomia qualquer; e de fato “experiência” e “expectativa” estão sempre prontas a repercutir uma sobre a outra. São categorias complementares, visto que a experiência abre espaços para um certo horizonte de expectativas. Mais ainda, uma experiência ou o ‘registro de uma experiência’ referido a um passado remoto pode produzir, em outra época, expectativas relacionadas ao futuro. Koselleck, em um de seus textos mais elucidativos acerca deste sistema conceitual, fornece um exemplo extraído da própria história conhecida. O exemplo é auto-esclarecedor:

“Podemos citar um exemplo simples: a experiência da execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizassem as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao rei não encontrou eco. Mas entre a Revolução Inglesa Passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas” (Koselleck, 2006: 308-309)⁵.

⁵ Ideias análogas são remarcadas por Walter Benjamin em diversas passagens das *Teses sobre o Conceito de História* (1940), mas associando estas proposições ao sistema conceitual do Materialismo Histórico. Neste célebre texto, o filósofo fornece vários exemplos de práxis revolucionárias que se valeram da rememoração como uma força explosiva apta a unir dois pontos na história. Na tese nº14, Benjamin lembra que “a Antiga Roma era, para Robespierre, um passado carregado de ‘agoras’, que ele fazia explodir no continuum da história”, e que “a Revolução Francesa se via como uma Roma ressurge” (Benjamin, tese nº 14, 2008: 230). Na tese nº12, ele mostra como cada última classe oprimida em luta vê-se como herdeira de uma história milenar de lutas e resistências, e evoca o exemplo da liga *Spartakus*, fundada na Alemanha de 1919 por Rosa Luxemburgo e Liebknecht sob o emblema da milenar rebelião de escravos romanos que se vê ressignificada à luz insurreição operária do início do século XX. Para um estudo sobre as teses de Walter Benjamin, cf. Lowi, 2005, p. 129.

Outro aspecto particularmente interessante da terminologia utilizada por Koselleck relaciona-se aos dois conceitos que se antepõem, em cada caso, às idéias de “experiência” e “expectativa”. Tentemos compreender porque um “espaço de experiência” e um “horizonte de expectativas”. A partir dos conceitos fundamentais de Koselleck, vamos construir uma possibilidade de explicação e entendimento de como funcionam as imagens do “espaço” e do “horizonte” nestas duas noções criadas por Koselleck para favorecer uma compreensão mais complexa acerca das temporalidades.



O “Passado Presente” pode melhor ser representado como um *espaço* porque concentra um enorme conjunto de coisas já conhecidas. Pensemos na figura acima como uma possibilidade de representação. Ela é composta de uma linha horizontal, que representará o horizonte de expectativas, e de um semicírculo colado a esta, que representará o campo de experiências. Existe uma infinita região do Passado que não é conhecida, e que, na verdade, jamais será conhecida. Podemos entender este Passado incognoscível, do qual jamais saberemos nada a respeito, como estando fora do semicírculo. Aquilo que não deixou memória, ou cujas memórias já pereceram; aquilo que não deixou vestígios, nem fontes para os historiadores; aquilo que não está materializado no presente a partir das permanências, das continuidades, da língua, dos rituais ainda praticados, dos hábitos adquiridos, tudo isto faz parte de uma experiência perdida, que se situa fora do semicírculo. O que está dentro do semicírculo, contudo, corresponde ao “espaço de experiência”. Tudo o que ficou do que um dia foi vivido, e que se projeta hoje no presente de alguma maneira, está concentrado neste espaço que é fundamental para a vida, e particularmente vital para os historiadores – pois estes só podem acessar o que foi um dia vivido através deste espaço de experiências que se aglomeram sob formas diversas, e dos quais eles, historiadores, extraem as suas fontes históricas. Tal como esclarece Koselleck, a experiência elabora acontecimentos passados e tem o poder de torná-los presentes, e neste sentido está “saturada de realidade” (Koselleck, 2006: 312)⁶.

⁶ Reinhart Koselleck assim justifica sua escolha da metáfora espacial para o campo da “experiência”: “Tem sentido se dizer que a experiência proveniente do passado é espacial, porque ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois” (Koselleck, 2006: 311).

Pode-se pensar ainda na transferência de elementos do “campo de experiência” para aquele espaço indefinido do passado que já se mostra inacessível à memória e aos historiadores. Memórias podem se perder, fontes podem se deteriorar e se tornar ilegíveis, arquivos podem se incendiar, rituais podem deixar de serem praticados, e tradições podem passar a não mais serem cultivadas. Quando morre um indivíduo, certamente o mundo perde para este espaço exterior algo do que poderia ser conhecido, do que estava efemeramente situado dentro do semicírculo e que jamais poderá ser recuperado. A História Oral, uma modalidade mais recente das ciências históricas, apresenta, aliás, uma conquista extremamente importante para a historiografia, e mesmo para a humanidade. Através desta abordagem histórica, é possível fixar o que um dia irá perder, pois as memórias podem ser registradas em depoimentos, gravados ou anotados, e as visões e percepções de mundo de indivíduos que um dia irão perecer também podem encontrar o seu registro. É possível imaginar que algo do que também parecia estar condenado ao espaço exterior também venha a ser deslocado um dia para dentro do semicírculo, nos momentos em que os historiadores descobrem novas fontes, ou mesmo novas técnicas para extrair de fontes já conhecidas elementos que antes não pareciam fazer parte do “espaço de experiência”.

Qualquer Passado, qualquer coisa que hoje está no interior deste semicírculo que é o “espaço de experiência” ou o “Passado Presente”, assim como ainda aquilo o que se perdeu para fora dele mas que um dia também foi vivido, já correspondeu outrora a um Presente. Nossa presente, cada instante que vivenciamos, logo se tornará um passado, e o mesmo ocorrerá com o futuro que ainda não conhecemos. Por isto mesmo, a cada segundo, a cada novo presente, o *espaço de experiência* se transforma. O que podemos acessar de um vivido e de uma experiência que nos chega do passado revolve-se constantemente, reapresentando-se a cada vez de uma nova maneira⁷. As próprias experiências já adquiridas podem se modificar com o tempo, e Koselleck dá-nos o exemplo dos acontecimentos relacionados à ascensão do Nazismo, em 1933, entre os quais o incêndio criminoso do Parlamento Alemão. “Os eventos de 1933 aconteceram de uma vez por todas, mas as experiências baseadas neles podem mudar com o correr do tempo; as experiências se superpõem, impregnam-se umas das outras” (Koselleck, 2006: 312-313)⁸.

Quanto ao “Futuro Presente” (este Futuro que ainda não ocorreu, mas cuja proximidade ou distância repercutem no Presente sob a forma das mais diversas expectativas), este é representável por uma linha. Na verdade, é representado por uma linha porque é efetivamente o que está para além desta linha, correspondendo àquilo que ainda não é conhecido. Temos apenas uma “expectativa” sobre o futuro,

⁷ Em *Futuro Passado* (1979), no ensaio em que discute os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”, Koselleck toma emprestada uma imagem de Christian Metz: “o olho mágico de uma máquina de lavar, atrás do qual de vez em quando aparece esta ou aquela peça colorida de toda a roupa que está contida na cuba” (Koselleck, 2006: 311).

⁸ Koselleck ainda acrescenta: “E mais: novas esperanças ou decepções retroagem, novas expectativas abrem brechas e repercutem nelas. Eis a estrutura temporal da experiência, que não pode ser reunida sem uma expectativa retroativa” (2006: 313).

mas efetivamente não podemos dizer como ele será. Por isso a metáfora do horizonte – o extremo limite que se oferece à visão, e para além do qual sabemos que há algo, mas não sabemos exatamente o que é. Sempre que nos aproximamos do horizonte, ele recua, de modo que nunca deixará de persistir como uma linha além da qual paira o desconhecido, que logo se tornará conhecido porque se converterá em presente. Conforme as próprias palavras de Koselleck, “horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado; a possibilidade de se descobrir o futuro, embora os prognósticos sejam possíveis, depara-se com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada” (Koselleck, 2006: 311).

Entre estas duas imagens se comprime o Presente: um fugidio momento de difícil de representação visual que parece se comprimir entre o espaço concentrado que representa o Passado (e ao qual logo se incorporará o próprio presente) e a linha fugidia que representa o Futuro – esta linha eternamente móvel (pois rapidamente o que ele traz, tão logo se torne conhecido, transforma-se por um segundo em Presente e logo depois passa a ser englobado pelo interior do semicírculo que corresponde ao “espaço de experiência” (quando não se perde no Passado incognoscível situado fora do semicírculo).

É importante ressaltar ainda que o “Passado Presente” e o “Futuro Presente”, ou o “campo de experiências” e o “horizonte de expectativas”, não constituem conceitos simétricos – ou “imagens especulares recíprocas” tal como alerta Koselleck (2006: 310). Imaginariamente, o campo de experiência, o Presente, e o horizonte de expectativas podem produzir as relações mais diversas, e assim ocorre no decorrer da própria história. Há épocas em que o tempo parece, à maior parte dos seus contemporâneos, desenrolar-se lentamente, e há outras em o tempo que parece estar acelerado, em função da rapidez das transformações políticas ou tecnológicas⁹. Existem períodos da história, criados de movimentos revolucionários, nos quais os agentes que deles participam desenvolvem a sensação de que o futuro é aqui agora, tendo se fundido ao presente. Em outros, inclusive, o futuro parece permanecer “atrelado ao passado”, tal como naqueles em que as expectativas do futuro não se referem a este mundo, mas sim a um outro que será escatologicamente trazido pela redenção dos tempos¹⁰. As

⁹ “O que antes marchava passo a passo, agora vai a galope”, dizia o escritor nacionalista e poeta Ernst Moritz Arndt (1769-1860) em 1807 (Koselleck, 2006: 289). De igual maneira, inúmeros autores do século XIX, investigados por Koselleck, parecem se manifestar acerca desta nova sensação de aceleração temporal que é típica da modernidade, tal como o poeta e historiador Alphonse de Lamartine (1790-1869), na seguinte passagem de *História da Restauração* (1851): “Não há mais história contemporânea; os dias de ontem já parecem estar sepultados bem fundo nas sombras do passado” (Lamartine, 1851: 1). É também este o caso do historiador alemão Georg Gottfried Gervinus (1805-1871), que em sua *Introdução à História do século XIX* (1853: 174) observava que os movimentos do século XIX “sucedem-se no tempo quase em progressão geométrica”. Sobre isto, ver outro ensaio de Koselleck, intitulado “Modernidade”, incluído em *Futuro Passado* (2006: 267-303).

¹⁰ Koselleck dá o exemplo de um dos períodos da história européia, anterior à segunda metade do século XVII, no qual “a doutrina cristã dos últimos dias impunha limites intransponíveis ao horizonte de expectativa”. Neste caso, continuar o historiador alemão, “a revelação bíblica, gerenciada pela igreja, envolvia de tal forma a tensão entre experiência e expectativa que elas não podiam separar-se” (Koselleck, 2006: 315).

fusões e clivagens que se estabelecem imaginariamente entre as três temporalidades – Passado, Presente e Futuro – podem aparecer ao ambiente mental predominante em cada época, e às consciências daqueles que vivem nestas várias épocas, de maneiras bem diferenciadas.

Para Koselleck, o tempo histórico é ditado, de forma sempre diferente, pela tensão entre expectativas e experiência (Koselleck, 2006: 313). Há por exemplo ações e práticas humanas que são constituídas precisamente por esta tensão, tal como ocorre com a elaboração de “prognósticos”, que sempre exprimem uma expectativa a partir de um certo campo de experiências (portanto, a partir de um “diagnóstico”). Diz-nos também o historiador alemão que “o que estende o horizonte de expectativa é o espaço de experiência aberto para o futuro”, o que se pode dar de múltiplas maneiras, conforme a relação estabelecida entre as duas instâncias (2006: 313). Como se disse, em cada época pode haver uma tendência distinta a reavaliar a tensão entre o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativas* (ou entre o Passado e o Futuro, através da mediação do Presente). Apenas para ilustrar este aspecto com uma das hipóteses de Koselleck, na modernidade “as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então” (2006: 314); em contrapartida, em todo o ambiente mental predominante no ocidente até meados do século XVII, o futuro parecia permanecer fortemente atrelado ao próprio passado (2006: 315)¹¹. Poderíamos mesmo pensar em duas representações para os dois momentos da história das sensibilidades europeias em relação ao Tempo, já que, no período propriamente moderno, “o espaço de experiência deixa de estar limitado pelo horizonte de expectativa; os limites de um e de outro separam” (Koselleck, 2006: 318)¹²:

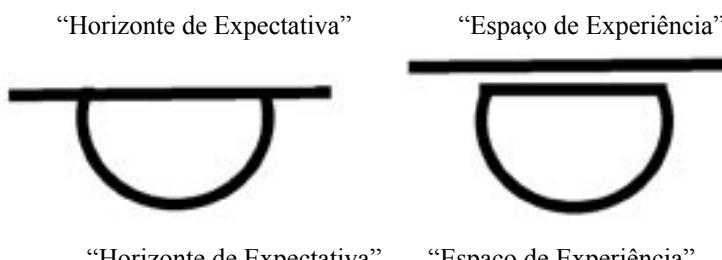


Figura: Duas representações: as relações entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” antes e depois de 1750

¹¹ Isso não quer dizer, obviamente, que não haja diferenças entre os grupos sociais e ambientes diversos com relação aos modos de perceber o tempo e de vivenciar as relações entre o “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas”. Koselleck admite que “esta constatação, de uma transição quase perfeita das experiências passadas para as expectativas vindouras, não pode ser aplicada de igual maneira a todas as camadas sociais” (Koselleck, 2006: 315).

¹² Koselleck procura traçar o esboço histórico dos elementos que presidem esta mudança nas relações entre “espaço de experiências” e “campo de expectativas”, que começa a se explicitar na segunda metade do século XVII e se acentua no decorrer do século XVIII. Três dos principais elementos aqui presentes serão a nova noção de Progresso, a ocorrência de inovações tecnológicas em ritmo mais rápido, e a consequente sensação de “aceleração do ritmo temporal”. Sobre o desenvolvimento do conceito de Progresso. Koselleck procura mostrar como se torna cada vez mais recorrente a idéia de que “o futuro será diferente do passado, vale dizer, melhor”. A produção intelectual de filósofos como Kant (1784) estará

O fenômeno de cesura potencial entre a contemporaneidade e a tradição – culminando com a sensação coletiva de uma “cisão entre o Presente e o Passado” que se atualiza a cada novo instante – já vinha sendo objeto de reflexão filosófica e de estudo mesmo antes de Koselleck, embora tenha sido este historiador um dos que trouxeram uma forma conceitual mais bem acabada a este fenômeno tipicamente contemporâneo. Um dos mais notáveis exemplos da discussão anterior sobre a cesura entre Presente e Passado é o texto de Hannah Arendt (1906-1975), que traz o significativo título de *A Quebra entre o Passado e o Futuro* (1954), no qual poderemos encontrar passagens como esta:

“O problema, contudo, é que, ao que parece, não parecemos estar nem equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de instalar-se na lacuna entre o passado e o futuro. Por longos períodos em nossa história, na verdade no transcurso dos milênios que se seguiram à fundação de Roma e que foram determinados por conceitos romanos, esta lacuna foi transposta por aquilo que, desde os romanos, chamamos de tradição. Não é segredo para ninguém o fato de essa tradição ter-se esgarçado cada vez mais à medida que a época moderna progrediu. Quando afinal, rompeu-se o fio da tradição, a lacuna entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição peculiar unicamente à atividade do pensamento e adstrita, enquanto campo de experiência, aos poucos eleitos que fizeram do pensar sua ocupação primordial. Ela tornou-se realidade tangível e perplexidade para todos, isto é, um fato de importância política” (Arendt, 2009: 40)¹³

Hannah Arendt, neste pequeno ensaio filosófico no qual antecipa intuitivamente algumas das proposições de Koselleck para a compreensão da complexa relação entre as três temporalidades, também indica outro autor que, talvez pionieramente, já havia antecipado as mesmas questões em plena década de 1920. Uma pequena e enigmática narrativa do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924), incluída na série

a partir daí a serviço desta nova idéia de um futuro melhor, e que não pode ser previsto apenas “olhando para o passado” com base na idéia de que o mesmo sempre retorna, tal como ocorria com a velha idéia de uma História “mestra da vida” em Maquiavel (1512). “O ‘progresso’ é o primeiro conceito genuinamente histórico que apreendeu em um conceito único, a diferença temporal entre experiência e expectativa” (Koselleck, 2006: 320).

¹³ Hannah Arendt (1906-1975) – filósofa e teórica política alemã, cuja condição de judia torna-se fundamental para a determinação de sua identidade teórica – apresenta entre as ‘notas de influência’ de seu acorde teórico a de Karl Jaspers e a de Martim Heidegger. Com este último teria não apenas um envolvimento intelectual, como também passional, o que traz tensões inesperadas à sua biografia, já que Heidegger aderiu ao Nazismo em um determinado período de sua vida, ao mesmo tempo em que Hannah Arendt seria perseguida pelas autoridades nazistas por ser judia. No exílio francês, conheceu mais de perto o crítico literário e filósofo marxista Walter Benjamin, uma amizade que também deixará as suas marcas na sua identidade teórica. Quando recuamos aos textos de juventude de Hannah Arendt, podemos perceber, desde aquela época, a sua admiração por autores como Soren Kierkegaard e o próprio Franz Kafka, aos quais dedicou textos que depois seriam incluídos em *Compreender: formação, exílio e totalitarismo* (1932; 1944). Sua obra-prima, *As Origens do Totalitarismo* (1951) é produto de uma profunda reflexão política e filosófica e de tudo o que viveu, até o segundo pós-guerra, tanto intelectualmente como na experiência concreta da vida difícil que lhe foi imposta pela perseguição nazista. Nesta obra, Hannah Arendt aproxima de forma pioneira o Nazismo e a versão Stalinista do Comunismo. Depois publicará *A Condição Humana* (1958) e *Da Revolução* (1963), outra obra ímpar na história da Teoria Política.

“Notas do ano 1920”¹⁴, descreve um sonho no qual um indivíduo (chamado no conto de “ele”) defronta-se em um caminho linear com dois adversários que representam, respectivamente, as forças do passado e do futuro. Um empurra-o para a frente, ajudando-o a enfrentar o “Passado”. O outro lhe bloqueia o caminho e, na verdade, ajuda-o na luta contra o “Passado”. Arendt assim descreve a extraordinária percepção kafkiana desta situação complexa, que é exposta sob a forma de um enigma:

“Há, portanto, duas ou mesmo três lutas transcorrendo simultaneamente: a luta de ‘seus’ adversários entre si, e a luta do homem com cada um deles. Contudo, o fato de chegar a haver alguma luta parece dever-se exclusivamente à presença do homem, sem o qual – suspeita-se – há muito as forças do passado e do futuro ter-se-iam neutralizado ou destruído mutuamente” (Arendt, 2009: 36)¹⁵

Esta extraordinária percepção kafkiana do tempo, antecipando em décadas a sistematização koselleckiana em torno dos conceitos de ‘espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativas’, consegue sintetizar sob a forma do sonho e do enigma a chave de certo setor da historiografia recente para enfrentar os desafios e dilemas do tempo. Esta historiografia recente logrou perceber, depois de uma longa estrada de certezas e incertezas que fora trilhada pelas reflexões historicistas, que as ‘relações entre temporalidades’ a serem enfrentadas não apenas pelos historiadores, mas também pelas pessoas comuns de uma determinada época, envolvem sempre uma complexa relação em três âmbitos distintos: do Presente com o Passado (e sua recíproca), do Presente com o Futuro, e, por fim, uma relação entre Futuro e Passado. É no interior deste enigma que o historiador constrói o seu território.

Mais ainda, o enigma das temporalidades – proposto conceitualmente por Koselleck, intuído por Arendt, e poetizado por Kafka – revela uma tensão criadora entre este tempo complexo do vivido e uma certa imagem do tempo, já impressa de longa data na sensibilidade temporal de um homem ocidental que aprendeu a imaginar o tempo como um fluxo retílineo e contínuo:

¹⁴ A série foi publicada, postumamente, em 1945. No Brasil, uma tradução das *Narrativas do Espólio de Kafka*, produzidas entre 1914 e 1924, foi publicada há alguns anos (2002). Com relação à vida de Kafka, é imprescindível citar a Biografia elaborada por seu amigo Max Brod (1945), traduzida para o francês neste mesmo ano, lembrando que Max Brod também foi o grande responsável pela publicação e divulgação das obras de Kafka.

¹⁵ Hannah Arendt acrescenta esta passagem a seus comentários sobre o ‘enigma da temporalidade’ apresentado por Kafka: “Esse passado, além do mais, estirando-se por todo seu trajeto de volta à origem, ao invés de puxar para trás, empurra para a frente, e, ao contrário do que seria de esperar, é o futuro que nos impõe de volta ao passado. Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido, ao meio, no ponto onde ‘ele’ está; e a posição ‘dele’ não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças às ‘sua’ luta constante, à ‘sua’ tomada de posição contra o passado e o futuro” (Arendt, 2009: 37). / Ainda sobre a questão da temporalidade em Kafka, ver os comentários de Günther Anders no ensaio *Kafka: Pro e Contra* (p. 39), no qual o autor procura sintetizar todas as ambigüidades do pensamento de Kafka ante o enigma da temporalidade: “Todas as situações dos romances de Kafka são, de fato, imagens paralisadas. Na verdade, o ponteiro de segundos do desespero corre incessante e em alta velocidade no seu relógio, mas o dos minutos está quebrado e o das horas está parado”.

“Kafka descreve como a inserção do homem quebra o fluxo unidirecional do tempo, mas, o que é bem estranho, não altera a imagem tradicional conforme a qual pensamos o tempo movendo-se em linha reta. Visto Kafka conservar a metáfora tradicional de um movimento temporal e retilíneo, ‘ele’ [o homem que se situa na lacuna de tempo enfrentando o Passado e o Futuro] mal tem espaço bastante para se manter, e sempre que ‘ele’ pensa em fugir por conta própria, cai no sonho de uma região além e acima da linha de combate [...]” (Arendt, 2009: 37).

Às dificuldades de pensar o tempo humano, *complexamente*, no interior de uma simples imaginação linear e unidirecional, Hannah Arendt (2009) irá contrapor a interessante possibilidade de imaginar que a presença do homem vivente e pensante, ao contrário de se inserir passivamente em uma estrutura linear rígida, já a “deforma”, produzindo não apenas movimentos para a frente e para traz, mas também um encontro de temporalidades em “ângulo”¹⁶. Ao invés de:



Essa outra imagem do tempo:



Não estamos distantes, com estas intuições filosóficas de Hannah Arendt a respeito da dinâmica das temporalidades, das proposições elaboradas por Reinhart Koselleck com vistas a compreender a interação entre as três temporalidades, ao lado da interação destas com o próprio homem de cada época. Trata-se, evidentemente, apenas de uma representação, destinada a clarificar a complexa interação entre estas três forças envolvidas no confronto das temporalidades: aquela que vem do Passado (e ao mesmo tempo aponta para o “espaço de experiências”); aquela que parece vir do Futuro (e ao mesmo tempo antecipa o “horizonte de expectativas”); e, por fim, o

¹⁶ “O que há de errado com a estória de Kafka, com toda a sua grandeza, é que dificilmente pode ser retida a noção de um movimento temporal e retilíneo quando o fluxo unidirecional deste é partido em forças antagônicas, dirigidas para o homem e atuando sobre ele. A inserção do homem, interrompendo o contínuo, não pode senão fazer com que as forças se desviem, por mais ligeiramente que seja, da sua posição original, e, caso assim fosse, elas não mais se entrecocariam face a face, mas se interceptariam em ângulo. Em outras palavras, a lacuna onde ‘ele’ se posta não é, pelo menos potencialmente, um intervalo simples, assemelhando-se antes ao que os físicos chamam de um paralelogramo de forças” (Arendt, 2009: 38).

próprio “Homem”, instaurado com sua práxis e seu pensar nesta enigmática lacuna do tempo que é o Presente, e que se autoproduz como força que interage com estas duas instâncias.

Podemos nos perguntar por que, somente no século XX, teriam finalmente amadurecido as condições para se lançar um olhar mais complexo sobre as temporalidades: primeiro intuitivamente através de imaginações poéticas e oníricas como a de Franz Kafka, depois através da reflexão de filósofos como Hannah Arendt, e, por fim, através da cuidadosa sistematização conceitual elaborada por historiadores como Reinhart Koselleck. A percepção crescente do avivamento das contradições entre Passado, Presente e Futuro – não mais apenas em pensadores perspicazes, mas mesmo por parte das pessoas comuns – talvez tenha se intensificado extraordinariamente com o advento dos totalitarismos no século XX, que trouxeram perplexidades inéditas a todos aqueles que vivenciaram (mesmo que através da memória e da História) os períodos das guerras mundiais e também a instalação posterior de novos totalitarismos¹⁷.

Com a contemporaneidade – aqui entendida como este “breve século XX” (para utilizar a expressão de Hobsbawm) – ter-se-ia iniciado um novo viver coletivo para o qual Hannah Arendt acredita identificar um inédito modelo de sensibilidades que se acha crivado de perplexidades, e que já define uma nova época, cuja característica mais saliente está na sua diuturnamente reeditada “impermanência”. A grande característica de nossa contemporaneidade seria precisamente esta “perda de fundamento do mundo” da qual nos fala Hannah Arendt em seu ensaio *O que é a Autoridade* (1958):

“[o mundo], com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo protético, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa” (Arendt, 2009: 132).

Recuando mais além, por outro lado – e à parte o fato de que somente na segunda metade do século XX iria amadurecer uma sistematização das novas sensibilidades

¹⁷ Esta é a opinião de Hannah Arendt (um pouco distinta da de Koselleck). Para ela, conforme o seu ensaio *A Tradição e a Época Moderna* (1956), “nem as consequências no século XX nem a rebelião do século XIX contra a tradição [Marx, Nietzsche e Kierkegaard] provocaram efetivamente a quebra em nossa história. Esta brotou de um caos de perplexidades de massa no palco político e de opiniões de massa na esfera espiritual que os movimentos totalitários, através do terror e da ideologia, cristalizaram em uma nova forma de governo e dominação. A dominação totalitária como um fato estabelecido, que, em seu ineditismo, não pode ser compreendida mediante as categorias usuais do pensamento político, e cujos ‘crimes’ não podem ser julgados por padrões morais tradicionais ou punidos dentro do quadro de referência legal de nossa civilização, quebrou a continuidade da História ocidental. A ruptura em nossa tradição agora é um fato acabado. Não é o resultado da escolha deliberada de ninguém, nem sujeita a decisão ulterior” (Arendt, 2009: 54). Mais adiante, Arendt também aproximarão o século XIX do período anterior e o contrastará, como um período mais amplo, a esta nova era que será o século XX, e que surge de uma ruptura catastrófica e irreversível: “Em si mesmo, o evento assinala a divisão entre a época moderna – que surge com as Ciências Naturais no século XVII, atinge seu clímax político nas revoluções do século XVIII e desenrola suas implicações gerais após a Revolução Industrial do século XIX – e o mundo do século XX, que veio à existência através de uma cadeia de catástrofes deflagrada pela Primeira Guerra Mundial” (Arendt, 2009: 54).

perante o tempo – pode-se dizer que a sensação de que “tudo de novo é possível” remonta à própria Revolução Francesa, às portas do século XIX e, portanto, daí que Koselleck chamou de “segunda modernidade”¹⁸. Não é senão por isso que Tocqueville (1805-1859), perplexo como tantos outros de seus contemporâneos, pronuncia outra enigmática frase, na qual afirma: “Desde que o passado deixou de lançar a sua luz sobre o futuro, a mente dos homens vagueia nas trevas” (Tocqueville, 1945: 331)¹⁹. Desta maneira, Koselleck apresenta como uma de suas descobertas historiográficas mais surpreendentes a percepção de que a grande ruptura dá-se efetivamente na curva do século XVIII para o século XIX, e não propriamente com as incontornáveis catástrofes e a nova aceleração tecnológica do século XX, ainda que estas tenham intensificado extraordinariamente o ritmo de mudanças históricas que fazem com que uma geração não se reconheça mais na que lhe precedeu, ou que dão a impressão de que cada década introduz uma nova época totalmente distinta da anterior.

Koselleck, de fato, tem dois méritos importantes na história desta reflexão historiográfica e filosófica que tem procurado trazer alguma ordem a esta perplexidade humana diante das intrincadas relações entre as temporalidades. Antes de mais nada, ele deu a perceber que o fenômeno que atualmente inscreve em todos os indivíduos modernos esta brutal “consciência do novo” não foi apanágio do século XX, mas que o mesmo remonta ao século XIX – período que, mostrando neste aspecto uma identidade com o próprio século XX, já pode ser denominado como uma “segunda modernidade” (distinta da “primeira modernidade” que seria a que se inaugura com o século XVI)²⁰. Em segundo lugar, poucos historiadores conseguiram fornecer um

¹⁸ Para uma leitura atualizada sobre a Revolução Francesa, ver Ozouf, 1989.

¹⁹ No caso, Tocqueville refere-se à perda de uma confiança na tradição e na idéia de retorno das experiências humanas – esta idéia que, um dia, permitira mesmo conceber a história como “Mestra da Vida”, no sentido de que se pensava que o tempo sempre oferecia o retorno de situações análogas às que um dia já haviam ocorrido. Além disto, Tocqueville certamente se refere, com igual angústia, a esse fenômeno que marcará a cultura ocidental na “curva do século XVIII”, e sobre o qual o Michel Foucault de *As Palavras e as Coisas* (1966) falou nos termos de um “desvanecimento do solo do pensamento clássico” (Foucault, 2002: 536).

²⁰ Neste ponto, Arendt diverge de Koselleck, uma vez que ainda percebe as mentalidades e sensibilidades do século XIX como fortemente ligadas à Tradição, sem ter ocorrido ainda o rompimento entre o Presente e o Passado. Hannah Arendt traz neste caso, para o centro de sua análise, o Romantismo, com sua “exaltada glorificação e consciência da Tradição” (Arendt, 2009: 53), e apenas situa como experiências relativamente isoladas as rebeliões contra a tradição que foram empreendidas por Marx, Nietzsche e Kierkegaard. Ela dirá que estes três autores “situam-se no fim de uma tradição, exatamente antes de sobrevir a ruptura” (Arendt, 2009: 55). Desta maneira, estes três autores, para Hannah Arendt, situam-se em um limiar, mas ainda imersos na era anterior. “Kierkegaard, Marx e Nietzsche são para nós como marcos indicativos de um passado que perdeu sua autoridade. Foram eles os primeiros a pensar sem a orientação de nenhuma autoridade, de qualquer espécie que fosse; não obstante, bem o mal, foram ainda influenciados pelo quadro de referência categórico da grande tradição” (Arendt, 2009: 56) / À parte a riqueza da análise de Hannah Arendt, podemos acompanhar a percepção koselleckiana – amplamente amparada em pesquisa de fontes de época – de que a ruptura dá-se na verdade no século XIX, e de que o setor do Romantismo que recupera tradições anteriores seria não mais que uma reação ao choque da Modernidade, uma melodia de contraponto, em nossa linguagem. O Historicismo também é favorecido por esse intenso interesse romântico pela história, e é de fato um movimento ambíguo, que bebe nas duas fontes (a da Modernidade e a da reação romântica à Modernidade). / O Michel Foucault de *As Palavras e as Coisas* (1966) também percebe o mesmo corte que Koselleck; mas, de uma maneira bem original, interpreta o surgimento do intenso interesse oitocentista pela história como uma maneira de reagir à inédita “fragmentação do espaço onde antes se estendia continuamente o saber clássico”. A nova historiografia teria sido inventada por esse homem do início do século XIX que “achou-se vazio de história”, mas que já se entregava à tarefa de reencontrá-la (Foucault, 1999: 510-511). É

quadro conceitual tão eficaz para pensar, no âmbito historiográfico, esta nova ordem de problemas.

Podemos nos perguntar, e buscar uma tentativa de resposta a título experimental, se haveria alguma possibilidade de conciliarmos a percepção koselleckiana de ruptura temporal à altura da “segunda modernidade” (na curva do século XVIII para o XIX), e a percepção kafkiana de Hannah Arendt, para quem a ruptura dá-se, na verdade, com as catástrofes que iniciam o “breve século XX”. Não poderia a Música auxiliar a História?

Poderemos desenvolver um novo padrão de leitura do devir histórico se considerarmos que a realidade é ‘polifônica’, isto é, que ela não avança em blocos unificados, produzindo rupturas de tipo arqueológico (em camadas que se sucedem). Ao contrário, poderíamos entender que o devir histórico (ou a sensibilidade humana diante deste devir) apresenta na verdade uma natureza musical, impulsionando-se a partir de melodias que se entrelaçam e que se contrapontem, umas convergindo com outras, outras em relação de divergência. Vamos enfatizar apenas o caso da História das Idéias. A ‘melodia do Progresso’ começa a ressoar no século XVIII e atravessa triunfante o século XIX, apenas assistindo a eventuais críticas divergentes que partem de filósofos como Nietzsche e Kierkegaard; somente no século XX surgem as incertezas mais consistentes, no âmbito da produção intelectual e também ao nível da coletividade, diante desta frase melódica triunfal, e poderíamos de fato nos encontrar com Hannah Arendt (1954) – mas também com Walter Benjamin (1940), Theodor Adorno (1966) e tantos outros – na percepção de que se estabelece de fato uma ruptura com as catástrofes introduzidas pelas guerras mundiais e pela emergência de totalitarismos que traz como ponto culminante de perplexidades os absurdos concretizados em *Auschwitz*²¹. A “melodia do Progresso”, desde então – se não desaparece de fato, sobretudo por causa das sempre incessantes descobertas tecnológicas que prosseguem aceleradamente com o século XX – ao menos passa a ter de conviver com a sua nova co-irmã, a ‘perda de confiança no Progresso’. Começa a ficar mais claro, cada vez para mais pessoas, que o “progresso tecnológico” e o “progresso social, político, espiritual ou moral” são coisas bem distintas.

Esta quebra – coligada a outras quebras atinentes aos âmbitos Social, Político e Demográfico – foi o que permitiu a Eric Hobsbawm expressar-se nos termos de um “breve século XX”, anunciador de uma *Era dos Extremos* (1994)²². Hannah Arendt,

neste momento também, sustentará Foucault, que o “homem” – essa “invenção recente” – adentra o campo dos saberes (p. XXI). A sua “arqueologia” identifica, aqui, uma ruptura.

²¹ “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda a monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e às questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência ou de inconsciência das pessoas” (Adorno, 1995: 104).

²² Eric Hobsbawm, em seu brilhante ensaio sobre *A Era dos Extremos* (1994), irá perceber esta nova frase musical – na verdade uma orquestração de algumas frases musicais distintas, já que seu campo de interesses não é apenas a História das Idéias e a História Cultural, mas também a História Social e a História Política – como uma frase melódica em três

ao escrever na primeira metade dos anos 1950 os seus ensaios sobre a “Quebra entre o Passado e o Futuro”, está ainda muito próxima à primeira fase (e justamente a mais catastrófica) desta inquietante frase melódica trazida pelo breve século XX e dada a ler por Eric Hobsbawm no fim do segundo milênio (1994). Por isso é brutal a percepção de Hannah Arendt acerca de uma quebra da tradição que teria lançado o mundo no território sempre por construir do “imprevisível”, e talvez no próprio redemoinho do Absurdo, tal como fora brutal a percepção de Walter Benjamin sobre a inexistência real de Progresso, em meio às ondas mais revoltas do vendaval nazista (1940).

A melodia da ‘sensibilidade diante do Progresso’, todavia, desenvolve-se paralelamente à melodia da ‘sensibilidade em relação ao Antigo e ao Novo’. Esta segunda melodia, que nos fala ou canta sobre a sensibilidade humana diante da tradição e do novo, nos oferece, de fato, uma ‘quebra de ligadura’ à altura da curva do século XVIII para o XIX: uma cesura que parece encerrar uma frase musical e iniciar uma outra que será assinalada pela coligação entre a “Revolução Francesa” e a “Revolução Industrial”, como tão bem nos mostrou Koselleck (1971) em uma sistemática pesquisa que recolheu um grande número de indícios de um novo modo de sensibilidade perante as transformações no tempo desde os inícios do século XIX. Na História das Idéias do século XIX, começam a surgir tantos registros de percepções e depoimentos perplexos relacionados à sensação de que o tempo se acelerou e de que o novo é trazido a cada instante (não mais o retorno do “mesmo” sob novas formas, mas literalmente o “novo”), que se torna muito pertinente a análise de Koselleck de que existe um corte que, de fato, permite falar em uma “segunda modernidade” para o período que se introduz com o século XIX e que adentra o século XX.

Entendemos que Hannah Arendt, nas suas análises sobre a “Quebra entre o Passado e o Futuro” (1954-1958), deixa que se confundam as cesuras melódicas que se referem à “quebra da tradição” (a nova sensibilidade perante a ‘aceleração do tempo’ que foi identificada por Koselleck para o início da “segunda modernidade”, no século XIX), e a “quebra na confiança em relação ao Progresso”, a mesma que encontra uma afirmação eloquente na obra de Walter Benjamin, em especial as suas *Teses sobre o Conceito de História* (1940). Arendt deixou que se confundissem, na sua análise, as ‘mudanças de sensibilidade em relação ao tempo’ e as ‘mudanças de sensibilidade

partes. Mas, ao invés da metáfora musical que estamos empregando, utiliza a metáfora iconográfica do “tríptico” e a metáfora culinária do “sanduíche”: “Nesse livro, a estrutura do Breve século XX parece uma espécie de tríptico ou sanduíche histórico. A uma Era de Catástrofe, que se estendeu de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial, seguiram-se cerca de 25 ou trinta anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, anos que provavelmente mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período de brevidade comparável. Retrospectivamente, podemos ver esse período como uma espécie de Era de Ouro, e assim ele foi visto quase imediatamente depois que acabou, no início da década de 1970. A última parte do século foi uma nova era de decomposição, incerteza e crise – e, com efeito, para grandes áreas do mundo, como a África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa, de catástrofe. À medida que a década de 1980 dava lugar à de 1990, o estado de espírito dos que refletiam sobre o passado e o futuro do século era de crescente melancolia de fin-de-siècle. Visto do privilegiado ponto de vista da década de 1990, o Breve século XX passou de uma curta Era de Ouro, entre uma crise e outra, e entrou num futuro desconhecido e problemático, mas não necessariamente apocalíptico” (Hobsbawm, 2001: 15-16).

em relação à evolução espiritual da humanidade'. Koselleck fala-nos do primeiro aspecto, e por isso o seu corte situa-se na instituição de uma “segunda modernidade” no início do século XIX. O fascínio da maior parte dos pensadores e da sociedade diante dos avanços tecnológicos é ainda uma terceira coisa, que em determinado momento parece se entrelaçar com a sensação de “progresso social” (século XIX), mas que mais adiante começa a se defasar da mesma, sobretudo quando as guerras mundiais começam a mostrar que a tecnologia pode ser utilizada como instrumento para a destruição em massa, ou seja, como instrumento para a Barbárie. O descrédito em relação a todos os valores, que é ainda uma outra coisa que não a mera ruptura em ralação à tradição clássica, constitui talvez uma nova melodia.

As inúmeras melodias do devir histórico não se encerram, contudo, neste contraponto entre a ‘melodia dos modos de sentir o Antigo e o Novo’ e a ‘melodia da sensibilidade humana diante das noções de Progresso e Decadência’. Se quisermos examinar o mundo da criação artística, talvez não possamos encontrar senão na curva do século XIX para o XX o sentimento inédito do “Modernismo”, um pouco com os Impressionistas e, sobretudo, com os fauvistas, cubistas, expressionistas, e todos os movimentos que começam a mudar a face da História da Arte em torno da passagem entre os dois séculos que, sob a perspectiva koselleckiana, constituem a “segunda modernidade”. A História da Arte, enfim, tem seus próprios ritmos. O “novo artístico” para a Música, para a Pintura, para a Arquitetura, para a Literatura, propõe outra frase melódica, que não é nem regida pela ‘melodia da Tradição e do Progresso’, nem pela melodia dos padrões de ‘sensibilidade perante o Tempo’. Este é apenas um pequeno exemplo, porque na verdade seria necessário pensar o devir histórico a partir de inúmeras melodias que se entrelaçam polifonicamente. Vivemos no fluxo de uma interminável polifonia, uma metáfora que poderia ser proposta para compreender o fluir histórico e também a diversidade das percepções historiográficas. Uma análise polifônica como esta também obrigaría a que se fizesse uma distinção entre as sensibilidades que afloram predominantemente na produção intelectual de uma época, e as sensibilidades que se tornam coletivas, isto é, fenômenos de massa. Esta é uma outra perspectiva a ser considerada, sobretudo quando deixamos de nos restringir apenas à História Intelectual, e passamos a considerar a História Social e a História Cultural.

Para finalizar, e para retornar à nossa análise sobre a contribuição de Koselleck, podemos extrair algumas implicações derradeiras acerca do fato de que os dois conceitos de koselleckianos que estruturam a sua percepção da temporalidade – o Passado que se concretiza no Presente visto como “espaço de experiência”, e o “Futuro Presente” visto como “horizonte de expectativa” – tornaram-se de fato extremamente importantes para a historiografia recente. Hoje podemos, a partir destas noções, pensar melhor nas temporalidades: uma relação certamente mutável de acordo com as várias épocas, com as várias culturas, e com os vários posicionamentos historiográficos. Como bem disse Koselleck, há épocas em que o “espaço de experiência” parece se fundir com o Presente, ou dele se destacar; e há outras épocas que concebem o presente como uma linha grossa ou como uma linha fina que precede o futuro, e há ainda

outras cujo “horizonte de expectativas” é tão agitado, e vivido com tanta intensidade, que se chega a pensar que já se está vivendo o futuro.

As perdas de sensação de historicidade em certos momentos ou no interior de certas visões de mundo que surgem na história, tal como se diz que teria ocorrido com o pós-modernismo, podem encontrar uma explicação plausível a partir de conceitos como estes. De igual maneira, a partir da reflexão e das pesquisas de Koselleck, passou-se a explicar-se melhor o enigmático fenômeno da “aceleração do tempo”²³. Esta crescente impressão de que as mudanças vão se dando cada vez mais rapidamente – uma percepção que começa a despontar desde os últimos anos do século XVIII e que, cada vez com maior intensidade, torna-se um traço mesmo da segunda modernidade – pode ser hoje entendida com maior clareza, precisamente em função do aparato conceitual desenvolvido por Koselleck²⁴. Este mesmo aparato conceitual, enfim, permite também que hoje os historiadores possam refletir com maior propriedade sobre as mudanças históricas nos modos de sentir as três temporalidades – Passado, Presente e Futuro.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. (1995 [1966]), “Educação Após-Auschwitz”, in *Palavras e Sinais*, Petrópolis, Vozes, pp. 104-123.
- AGOSTINHO, Santo (2005 [398 d.C.]), “Elevações sobre os Mistérios”, in *Confissões*, Livro XI, Petrópolis, Vozes.
- ANDERS, Günther (1969), *Kafka: Pró e Contra*, São Paulo, Perspectiva.
- ARENDT, Hannah (2008 [1944]), “Franz Kafka: uma reavaliação”, in *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*, São Paulo, Companhia das Letras, pp. 97-108.
- (2009a [1954]), “A Quebra entre o Passado e o Futuro”, in *Entre o Passado e o Futuro*, São Paulo, Perspectiva, pp. 28-42.
- (2009b [1957]), “O Conceito de História – antigo e moderno”, in *Entre o Passado e o Futuro*, São Paulo, Perspectiva, pp. 69-126.
- (2009c [1956]), “A Tradição e a Época Moderna”, in *Entre o Passado e o Futuro*, São Paulo, Perspectiva, pp. 43-68.
- ARISTÓTELES (1993), *Poética*, São Paulo, Ars Poética.

²³ Para uma outra leitura acerca da *Aceleração do Tempo*, ver Rosa, 2010. Para uma reflexão sobre *O Tempo na Literatura*, ver Meyerhoff, 1976 e Pouillon, 1974.

²⁴ A percepção do radicalmente “novo” a partir do século XIX, dando a impressão de que começavam a ocorrer coisas até então nunca vistas, começa a ser recorrente em diversos autores oitocentistas que foram amplamente examinados por Koselleck, alguns dos quais citados em nota anterior. Uma passagem de *Democracia na América* (1835), de Tocqueville, ilustra bem a perturbação causada em muitos intelectuais pelos novos tempos extremamente acelerados: “Embora a revolução que está se processando na condição social, nas leis, nas opiniões e nos sentimentos dos homens esteja ainda bem longe de se achar concluída, seus resultados, contudo, já não admitem comparação com nada que o mundo tenha antes testemunhado. Remonto-me, de época a época, até a mais remota antiguidade, porém não encontro paralelo para o que ocorre diante dos meus olhos; a partir do momento em que o passado cessou de lançar sua luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia na obscuridade” (Tocqueville, 1945: 331).

- ARNDT, Ernst Moritz (1877 [1807]), *Geist der Zeit* [Espírito do Tempo], Altona, Hammerich.
- ATTALI, Jacques (1982), *Histoire du Temps*, Paris, French & Europe Pubns.
- BENJAMIN, Walter (2008 [1940]), “Teses sobre o conceito o História”, in *Walter Benjamin: obras escolhidas – magia e técnica; arte e política*, São Paulo, Brasiliense, pp. 222-231.
- BROD, Max (1945), *Franz Kafka*, Paris, Gallimard.
- ELIAS, Norbert (1998 [1984]), *Sobre o Tempo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FOUCAULT, Michel (1999 [1966]), *As Palavras e as Coisas*, São Paulo, Martins Fontes.
- GERVINUS, Georg Gottfried (1853), *Einleitung in die Geschichte des neunzehnten Jahrhunderts* [Introdução à História do século XIX], Leipzig, Erler.
- HEIDEGGER, Martim (1997 [1927]), *O Ser e o Tempo*, Petrópolis, Vozes.
- HOBBSAWM, Eric (2006 [1994]), *A Era dos Extremos – breve século XX*, São Paulo, Companhia das Letras.
- KAFKA, Franz (1945), *The Great Wall of China: stories and reflections*, New York, Willa & Edwin Muir.
- (2002), *Narrativas do Espólio*, São Paulo, Companhia das Letras.
- KOSELLECK, Reinhart (2006a), “Modernidade”, in *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto, pp. 267-303.
- (2006b [1979]), “Espaço de experiência e horizonte de expectativas”, in *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto, pp. 311-337.
- LAMARTINE, Alphonse de (1851), *Histoire de La Restauration*, Paris, Pagnerre, Lecou, Furne e co.
- MEYERHOFF, Hans (1976), *O Tempo na Literatura*, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil.
- OZOUF, Mona (1989), *L'homme régénéré. Essais sur la Révolution française*, Paris, Gallimard, 1989.
- POMIAN, Krysztof (1984), *L'ordre du temps*, Paris, Gallimard.
- POUILLO, Jean (1974), *O Tempo no Romance*, São Paulo, Cultrix.
- RICOEUR, Paul (1994 [1983/1985]), *Tempo e Narrativa*, São Paulo, Papirus.
- ROSA, Hartmut (2010), *Accélération. Une critique sociale du temps*, Paris, La Découverte.
- THOMPSON, E. P (1967), “Time, work-discipline, and industrial capitalism”, *Past and Present*, 38 – 1, 56-97.
- TOCQUEVILLE, Alexis (1945 [1835]), *Democracy in America*, New York, Vintage Books.

ABSTRACT/RÉSUMÉ

Abstract:

This article aims to develop an analysis of the recent reflections about contemporaries sensations of rupture between Present and Past, examining in particular the thought of two authors – Reinhart Koselleck and Hannah Arendt – about the relations between Present, Past and Future. The initial point of the analysis refers to the essay *Future Past*, written by Koselleck – an essay in which one this historian develops his principal considerations about the three instances of temporality, using the concepts of “experience space” and “expectative horizon”. In the sequence, it is made a comparison between the position of Koselleck and the thought of Hannah Arendt around these questions, developed by this philosopher on basis in an insight of Franz Kafka.

Keywords: Present, Past, Koselleck, Hannah Arendt.

Résumé:

Cet article vise à développer une analyse des récentes réflexions sur le sentiment contemporain de rupture entre le passé et le présent, en examinant en particulier la pensée de deux auteurs – Reinhart Koselleck et Hannah Arendt – en particulier sur les relations entre le présent, passé et futur. Le point de départ de l'analyse se réfère à l'œuvre *Futur Passé*, écrit par Koselleck - un livre dans lequel cet historien développe des importants considérations sur les trois dimensions de la temporalité, en utilisant les concepts d ‘«espace d’expérience» et «horizon d’attentes». Ensuite, une comparaison est établie entre la position de Koselleck et la pensée de Hannah Arendt sur ces questions, dans ce dernier cas en ligne avec une idée originale de Franz Kafka.

Mots-clés: Présent; Passé; Koselleck; Hannah Arendt.